

3. Em Março de 2000 é dado a conhecer que três mil toneladas de algodão, ainda em posse dos camponeses e produto da campanha de 1998/9, se estava a deteriorar na província de Nampula em virtude de os concessionários terem interrompido a compra, alegando descapitalização e mau estado das estradas<sup>77</sup>.
4. Em Maio do mesmo ano cerca de 100 militantes da Renamo atacaram o posto da polícia em Aúbe<sup>78</sup>. A neuropatia tropical afecta o distrito de Mongicual devido ao consumo da mandioca amarga<sup>79</sup>.
5. Em Agosto do mesmo ano é noticiado que o Conselho de Ministros se iria reunir em Angoche<sup>80</sup>, enquanto o chefe de Estado visita Nampula em Setembro<sup>81</sup>. Entretanto, um vírus não identificado provoca o apodrecimento precoce da mandioca, gerando apreensão nas populações para quem o tubérculo é um alimento fundamental<sup>82</sup>.
6. Em Setembro, um incêndio deflagrou na localidade de Geba, no distrito de Memba, destruindo 200 casas e deixando cerca de mil pessoas ao relento<sup>83</sup>.
7. Em Outubro, quando a cólera afecta a província, a Renamo afirma que iria começar manifestações em todo o país no fim do mês para protestar contra os resultados eleitorais de 1999<sup>84</sup>. Entretanto, pragas de vários tipos afectam as culturas agrícolas em Nampula. Os camponeses mostram-se agastados com o Governo, alegando que este não lhes dá incentivos que

<sup>77</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0306ag.html>.

<sup>78</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0515po.html>.

<sup>79</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2000/0515so.html>.

<sup>80</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/000831.html>.

<sup>81</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/000904.html>.

<sup>82</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/00081ag.html>.

<sup>83</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/000905.html>.

<sup>84</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/001002po.html>.

permitam a sua participação no combate às pragas através de créditos bancários para aquisição de pesticidas<sup>85</sup>.

8. Indicadores revelados em Novembro observam que, em Nampula, das 1.500 toneladas previstas de pescado, apenas 730,8 toneladas foram capturadas, representando um decréscimo de 49%. A actividade pesqueira é maioritariamente praticada por pescadores artesanais<sup>86</sup>.
9. No mesmo mês, sabe-se que 6.000 trabalhadores (dos quais 3.000 da província de Nampula) perderam emprego no sector do caju na sequência da paralisação da maioria das fábricas de processamento da castanha<sup>87</sup>.
10. Registaram-se 22 mortos e 113 feridos em confrontos entre a polícia e manifestantes da Renamo um pouco por todo o país a 9 de Novembro. Em Nampula, os manifestantes tentaram impedir a passagem de um comboio de passageiros, colocando troncos na linha férrea. Em Angoche a polícia disparou contra manifestantes no bairro de Ingúri. Houve também confrontos em Mogovolas, Calipo, Iapala, Moma, Nacala-a-Velha e Ilha de Moçambique, sendo reportados vários mortos<sup>88</sup>.

## 2001

11. Sabe-se em Fevereiro que a fome assume contornos preocupantes em Nacala-a-Velha, afectando cerca de 77.000 pessoas<sup>89</sup>.
12. Em Abril noticia-se que a mandioca continua a apodrecer em Nampula. A doença, que eclodira havia dois anos, afecta os

<sup>85</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/00101ag.html>.

<sup>86</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/001106ag.html>.

<sup>87</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0122ag.html>.

<sup>88</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/001110.html>.

<sup>89</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0219ag.html>.

distritos de Mogovolas, Mossuril, Nacala-a-Velha, Momba e Ilha de Moçambique. Os camponeses estão preocupados<sup>90</sup>.

13. Em Julho sabe-se que uma estranha doença dizima os caprinos no distrito de Angoche, tendo morrido 84 animais num intervalo de um mês de um total de 280<sup>91</sup>.
14. É reportado em Agosto que a fome assola Momba e Momba<sup>92</sup> e que as privatizações fizeram perder o emprego a 13.929 trabalhadores, dos sectores de caju, têxtil, bebidas e refrigerantes, madeira, comércio e serviços<sup>93</sup>.
15. A 29 de Outubro a Renamo inicia na cidade de Nampula o seu IV Congresso<sup>94</sup>.
16. A 17 de Dezembro dão-se grandes levantamentos populares em Momba, onde a cólera siviciara severamente as populações em 1998. Populares queimam casas e atacam funcionários da Saúde e régulos com o argumento de que eles tinham introduzido a cólera através do cloro para exterminar a população. A Frelimo atribui uma vez mais a responsabilidade dos acontecimentos à Renamo. O objectivo dessa partido, disse um militante da Frelimo, era o de tornar o país ingovernável<sup>95</sup>.

## 2002

17. Reporta-se em Janeiro que a peste suína matou 4660 animais na cidade de Nampula e nos distritos de Malema e Ribáuè<sup>96</sup>.
18. A 16 de Fevereiro anuncia-se a morte de 34 pessoas de um total de 4251 casos desde a eclosão da cólera em Outubro do ano

<sup>90</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0402ag.html>.

<sup>91</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0723ag.html>.

<sup>92</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/010820.html>.

<sup>93</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/0827ec.html>.

<sup>94</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/1029po.html>.

<sup>95</sup> *Mozambiquefile* (307)..., *op.cit.*, p.23

<sup>96</sup> <http://www.mol.co.mz/notmoc/2001/1029po.html>.

anterior, estando afectados 13 dos 21 distritos da província de Nampula<sup>97</sup>.

19. A 22 do mesmo mês são conhecidos 48 óbitos de 5.000 casos registados<sup>98</sup>.
20. Em Março, estavam 17 distritos afectados, com 80 óbitos num total de 8.000 casos notificados, sendo o distrito de Momba o mais afectado com 18 mortos de 350 casos notificados. Acontecem levantes populares em Larde a 24 de Fevereiro, sendo o Governo acusado de introduzir a cólera. São feitas várias detenções. O ministro da Justiça atribui à Renamo a responsabilidade dos acontecimentos<sup>99</sup>. Isto numa altura em que em Nipepe, na província do Niassa, 500 pessoas invadiram a sede distrital, visando o chefe de posto na crença de que trouxera a doença de Lichinga<sup>100</sup>.
21. Estimam-se 100 óbitos de 8.000 casos notificados de cólera, afectando Malema, Ilha de Moçambique, Murrupula, Meconta, Monapo, Mogovolas, Momba, Eráti, Mecubúri, Ribáuè, Lalaua, Nacala-a-Velha, Angoche e a capital<sup>101</sup>.
22. Sabe-se em Junho que fracassou a campanha de pulverização intradomiciliária contra o mosquito, em curso havia duas semanas, nas principais cidades da província, dado que as populações se mostraram hostis às brigadas encarregadas de executar o trabalho, associando-as a emissários de "chupa-sangue"<sup>102</sup>.

Podemos, agora, apresentar as conclusões e os comentários em 9 pontos:

<sup>97</sup> Notícias de 16/02/02, p.1.

<sup>98</sup> Notícias de 22/02/02

<sup>99</sup> <http://www.mol.co.mz/noticias/2002/0107ag.html>.

<sup>100</sup> *Idem*, de 14/03/02, p.1. O distrito de Nipepe faz fronteira com a província de Nampula através de Lalaua.

<sup>101</sup> *Idem*, de 26/03/02, p.1.

<sup>102</sup> Notícias de 17/06/02, p.1.

1. Não é possível estabelecer uma correlação entre crença e eleições, na medida em que as eleições legislativas e presidenciais de 1994 não foram acompanhadas pela crença. É tentador pensar que a correlação pode ser estabelecida com o boicote pedido pela Renamo nas eleições municipais de 1998, mas seria ainda necessário saber por que razão a crença se manteve até hoje na ausência de novas eleições.
2. Não é possível estabelecer uma correlação entre a crença e a premeditação política, ainda que o impacto do boato não possa ser subestimado tendo em conta as dificuldades de vida das populações. Porém, mesmo aceitando-se esse impacto, faltaria, ainda, conhecer as razões por que as pessoas aderem ao boato.
3. Governantes e funcionários do partido no poder falam sistematicamente em "campanha de desinformação" levada a cabo pela oposição em geral e pela Renamo/União eleitoral em particular. Mas nenhuma evidência sistemática foi apresentada para comprovar a acusação.
4. Os diferentes tipos de fenómenos que apresentámos são, se concentrados, propícios a criar, ampliar e enraizar uma leitura paroxística e emocional dos fenómenos na província de Nampula. Parece existir uma situação de crise social plural, rizomática, adequada à formação de multidões, à busca de bodes expiatórios e a catarses colectivas violentas.
5. As referências à necessidade sentida, aqui e além, pelas populações, de tratar "tradicionalmente" os corpos de mortos de cólera, constituem um dado importante, mas não suficiente para compreender a genealogia do fenómeno de imputação causal.
6. A semelhança entre os termos *cólera* e *cloro* parece ser importante.
7. O quadro informativo encontrado aponta para uma intranquilidade social grande, ainda que a informação oficial remeta para a oposição a responsabilidade dessa intranquilidade. Funcionários governamentais, chefes tradicionais e funcionários de ONGs, especialmente os da SNV, revestem a condição perversa de agentes "estrangeiros", distantes e

enigmáticos, que surgem, numa operação cognitiva popular por *deslocamento* e ainda que percebidos como agentes de melhores condições de vida, como os responsáveis do mal-estar e das contradições locais. Em situações de ansiedade social, o "estrangeiro" é, normalmente, o exutório à mão.

8. A imputação causal assenta não no princípio "o que provoca isto?", mas no princípio "quem provoca isto?". Há como que um deslocamento das velhas causas *mágicas* e para-humanas (acção de maus espíritos, acção à distância de um feiticeiro), referidas num relatório de 1951<sup>103</sup>, para causas visíveis, humanas, tangíveis, *modernas* (funcionários governamentais e do partido no poder, *mapéwé*, *apwiyamwene*, funcionários de ONGs, etc.).
9. Os dados de arquivo mostraram não estarmos ainda diante de conflitos de baixa intensidade. Mas os fenómenos percutores apresentados e a intolerância popular devido à cólera podem gerar um conflito desse tipo face à mais do que provável crispação política nas eleições municipais de 2003 e nas legislativas e presidenciais de 2004<sup>104</sup>.

O filme apresentado pode ainda ser sumariado da seguinte maneira:

- Não existem evidências de tensão social geradoras de boatos do tipo cólera antes de 1998;
- Em 1998 esses boatos surgem no bojo de um clima de grande tensão política;
- Entre 1998 e 2002 a tensão política permanece, enquanto fenómenos sociais e naturais tomam curso, perturbando a vida dos habitantes da província de Nampula: pragas, despedimentos, encerramento de fábricas, seca, etc.;

<sup>103</sup> Almeida, António de, *Monografia etnográfica sobre uma população indígena (Moma)*, 1951, s/p.

<sup>104</sup> Como veremos mais à frente, os resultados da pesquisa de terreno tornam esta perspectiva mais robusta.

- Estão criadas condições para o aparecimento de fenómenos de paroxismo popular, exemplificados pelos acontecimentos de 17 de Dezembro de 2001.

### 4.3.2. Dados da pesquisa de terreno

Faremos o registo dos dados da pesquisa por cada um dos três distritos nos quais trabalhámos. Esses registos foram deliberadamente preparados para surgirem com muitas citações por forma a imprimir ao texto um grande valor testemunhal.

Verificaremos que temos um cenário idêntico nos três distritos, mas como uma espécie de cristação crescente à medida que se caminha de norte para sul, surgindo Larde como uma espécie de pico do processo.

#### DISTRITO DE MEMBA

A sede tem um aspecto desolador, muitos edifícios estão degradados.

Um funcionário de uma ONG local disse-nos que o povo local acreditava que a cólera estava a ser *distribuída* pelos funcionários da administração local, pelos chefes tradicionais (*mapéwé*), *apwiyamwene* e algumas pessoas ligadas às ONGs, como SNV e *Save the Children*. Mas por quê? Porque “essas organizações são acusadas de não fazerem algo palpável que beneficie as populações”<sup>105</sup>. A SNV, por exemplo, é acusada de não cumprir com as promessas feitas: de parceria com a *MONASO*, distribuiu créditos a três comerciantes que têm bancas, mas não a outros de menores posses, cujos nomes inscreveu. É igualmente acusada de não distribuir redes aos pescadores da sede de Memba e em Simuco (aqui ocorreram violentas manifestações por causa da cólera e um técnico da SNV quase foi agredido)<sup>106</sup>.

<sup>105</sup> Helena Monteiro, *Diário...*, *op. cit.*

<sup>106</sup> *Ibid.*

No seu diário de campo, escreveu a nossa colega Helena Monteiro que “as pessoas ficam à espera que as organizações desempenhem o papel de financiadoras e não de meras conselheiras, exactamente porque as pessoas esperam que essas organizações ajudem a instalar escolas, poços de água, forneçam redes e sementes, etc. A organização que não presta nenhum desses serviços é vista com desconfiança pelas populações. Por exemplo, na sede de Memba a *MS* é bem vista porque construiu a escola local. A *Save the Children* é acusada de estar a beneficiar somente zonas de Memba e não o distrito na totalidade. Esta organização está a distribuir mandioqueiras resistentes às pragas, encontrando-se o projecto numa fase experimental”<sup>107</sup>.

Um outro funcionário de uma ONG local afirmou-nos que o boato da cólera começara em Memba quando o régulo (...), após uma reunião com funcionários da saúde, informou mal a população do regulado dizendo que era necessário construir barracas para os doentes e abrir covas

“porque a cólera estava para vir e iria matar muita gente, ao que as pessoas começaram a questionar perguntando como é que sabiam que a cólera estava para vir e iria matar muita gente.”<sup>108</sup>

Um grupo de pessoas terá ido pedir explicações ao régulo, dizendo que este tinha recebido dinheiro para ajudar a matar as populações. O régulo não terá desmentido a reunião com funcionários da saúde, as pessoas revoltaram-se e tentaram agredi-lo. No dia seguinte (os acontecimentos tiveram lugar em Dezembro de 2001) uma parte da população postou-se em frente à esquadra. Contou o funcionário referido que teve de se esconder no escritório da SNV e que algumas pessoas gritavam “esses dessa organização também sabem como aparece a cólera”. O chefe do posto e o director distrital de Saúde tiveram que acalmar os ânimos e o chefe de posto terá dito que o régulo entendera mal o que ouvira.<sup>109</sup>

<sup>107</sup> *Ibid.*

<sup>108</sup> Helena Monteiro, *Diário...*, *op. cit.*

<sup>109</sup> *Ibid.*

Um técnico de medicina geral afirmou que Momba não fora afectado pela cólera, mas que houvera muita agitação popular. Confirmou que a direcção de Saúde local tivera efectivamente uma reunião com chefes tradicionais para que estes ajudassem a construir um centro de atendimento e mobilizassem as populações para assegurar a higiene, por forma a evitar a epidemia que afectara o distrito em 1998. O posto de saúde de Simuco teve de ser encerrado. Uma enfermeira narrou-nos que o enfermeiro local tinha sido agredido e amarrado com um fio, além de que lhe tinham posto piri-piri nas feridas. As pessoas encolerizadas disseram que o enfermeiro tinha recebido comprimidos de cólera para as matar. O posto de saúde continua ainda hoje encerrado<sup>110</sup>.

Entretanto, um professor da escola do EP2 local disse-nos que nem sempre as campanhas de prevenção de doenças eram bem sucedidas dado que os alunos eram muito desconfiados. Deu como exemplo a fuga de muitos deles quando um técnico de medicina, numa campanha de prevenção da cegueira, lhes quis inspecionar os olhos<sup>111</sup>.

Um camponês influente, depois de dizer que não havia campanhas locais de prevenção contra a cólera<sup>112</sup> (conhecia, unicamente, a vacinação contra a poliomielite) afirmou que

“aqui tem poços lá no rio Mucuburi, são mulheres que cavam por causa da situação da cólera, as mulheres quando vão no rio tirar água cada mulher cava e tira água para evitar o problema do cloro no poço, o veneno da cólera que é o cloro.”<sup>113</sup>

Ainda sobre o que chamou “confusão”:

“Cloro, nem pode imaginar, provocou confusão, no tempo da cólera alguns régulos como o régulo (...) passaram muito mal, foi acusado de receber o cloro, ele foi parti-

<sup>110</sup> *Ibid.* Tenha-se em conta que a pesquisa foi efectuada em 2002.

<sup>111</sup> *Ibid.*

<sup>112</sup> Todos os testemunhos por nós recolhidos mostram que os anúncios radiofónicos são insuficientes para a prevenção.

<sup>113</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

cipar na reunião do governo e como na rádio falava-se que cólera inicia-se no dia X e termina no dia X assim começou a confusão.”<sup>114</sup>

O camponês criticou severamente o governo (“O que é que ele [chefe de posto] fez no gabinete dele?”) e as ONGs (“(...) MS, Save the Children, SNV, mas esses todos eu não vejo o que fazem porque mesmo com eles a vida vai abaixo”)<sup>115</sup>.

O régulo (...) disse-nos que era obrigado a colocar o cloro no poço local à noite, sem que a população o visse, tão grande era o medo popular. E acrescentou:

“O problema que houve da cólera, o meu amigo régulo (...) sofreu, o enfermeiro de Simuco sofreu, a população ignorante confundiu o cloro com a cólera, mas é que morreu muita gente [em 1998] e o povo assustou-se [agora] e manifestou”.<sup>116</sup>

Para uma enfermeira que escutámos não é fácil lidar com uma “população analfabeta com desinformação pelas políticas existentes”. E adiantou:

“As pessoas andaram a contradizer pelo facto da Saúde avisar que cólera começa no dia X e no dia X termina, isso as pessoas disseram que nunca ouviram uma doença que se planifica quando vem e vai.”<sup>117</sup>

Um segundo professor disse que os problemas centrais de Momba eram o desemprego e a carência alimentar. Sobre as ONGs, conhecia apenas o trabalho da MS porque construía a escola.

Uma *pwyamwene*, depois de reportar que nunca ouvira falar de uma campanha de prevenção localmente feita, acrescentou:

<sup>114</sup> *Ibid.*

<sup>115</sup> *Ibid.*

<sup>116</sup> *Ibid.*

<sup>117</sup> *Ibid.*

“No rio Mucuburi tem muitos poços que as mulheres cavam no mesmo dia e no mesmo dia deixam de tirar porque têm medo do poço ser posto cloro e cloro é cólera para muita gente que não sabe, porque a cólera deixou muitos cemitérios, mães sem filhos, sobrinhos, maridos, então quando surge a explicação de ferver a água o povo não aceita, até diz ah!, muito tempo não fervia a água e não tinha a cólera, não lavávamos os pratos e panela, não havia cólera, como é possível hoje o povo está civilizado até toma banho com *Lux* e tem cólera [referência à epidemia em 1998], esse que nos mata é esse pó que cheira mal.”<sup>118</sup>

O régulo (...), depois de afirmar que não havia campanhas de prevenção, disse que a confusão surgida com a cólera tinha muito a ver com a contradição existente entre régulos e secretários de bairro. Quando a *Save the Children* organizou uma reunião na aldeia 7 de Abril por causa da formação de parteiras tradicionais e aproveitou para falar sobre a cólera, só convidou régulos e *apwiyamwene*, não os “políticos” (secretários de bairro).

Estes ficaram com ciúmes pois agora os régulos eram respeitados, o que não acontecia antigamente:

“(...) foram eles que foram fazer confusão na cabeça das pessoas, mas o tiro saiu pela culatra porque os régulos estão com o governo, a *Save* está com o governo, era o governo que estava a usar o cloro. Em 7 de Abril não foram só o régulo e a *pwyamwene* que sofreram, os activistas da *Save* também foram perseguidos. Chegaram de queimar a casa do polícia. As pessoas confiam no régulo mas aceitaram porque têm medo de morrer. Em 1998 houve cólera, morreu muita gente mas não houve confusão, este ano não houve cólera e as pessoas acreditam que não porque elas fizeram confusão. As pessoas não acreditam no cloro, já houve palestras para explicar o que é cloro mas as pessoas não acreditam. Existe muita desconfiança, por exemplo as pessoas pedem para fumigar os cajueiros, o governo não faz dizem que custa muito

<sup>118</sup> *Ibid.*

dinheiro, aí as pessoas questionam, não fumigam os cajueiros mas conseguem dinheiro para cloro. Aqui as pessoas são ignorantes, é preciso fazer campanha porta a porta para educar as pessoas, por exemplo um bêbedo crónico não deixa de qualquer maneira, é preciso conversar muito.”<sup>119</sup>

E acrescentou:

“(...) o povo anda assim revoltoso, o desemprego, o analfabetismo, a fome, o boato são minas que podem destruir um governo se não agir correctamente”.<sup>120</sup>

O mesmo régulo deu-nos conta de um outro fenómeno: o de um aparente conflito no islamismo entre duas linhas: uma que respeita as matrizes culturais locais (invocação da chuva, preces aos antepassados, etc.) e uma recente, dos chamados “Alisunas” [seguidores da tradição do Profeta], aparentemente apologistas de uma nova leitura do Alcorão e impugnadores daquelas matrizes culturais. Acrescentou o régulo que “estes vão mudar o mundo um dia”. Há alguns indícios de que os jovens jogam um papel decisivo entre os Alisunas<sup>121</sup>.

Na aldeia 7 de Abril, uma *pwyamwene*, que foi maltratada quando da agitação popular e se encontrava, ainda, muito triste, contou o seguinte numa entrevista em foco:

“Nós fomos chamados, eram muitas pessoas, régulo, *pwyamwene*, parteiras, activistas e fomos inscritos, passaram três dias de formação e a aula era de como prevenir a cólera (...). Quando termina a formação chegamos em casa e disseram que fomos receber cólera (...) Nem passaram dias chegaram em minha casa, casa do activista demoliram, até queriam pegar na filha. Vieram para mim, pegaram-me, tiraram-me roupa, puseram arbustos na vagina, além da dor morri de vergonha diante

<sup>119</sup> *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>120</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>121</sup> *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.it.* O fenómeno regista-se nos três distritos onde trabalhámos e parece ter especial força em Momba.

dos meus netos e quando eu sei que de fé não fui receber cólera”<sup>122</sup>

Uma jovem presente na entrevista em foco afirmou ainda em relação à cólera:

“Eu acho que o problema foi que a rádio antecipou este ano que haveria de aparecer a cólera, então as pessoas diziam mas como é que sabem que a cólera vem tal dia e vai tal dia, como é que as estruturas sabem e depois em 1998 que houve cólera e muita gente morreu e não houve cloro por quê?”<sup>123</sup>

Uma outra mulher afirmou, introduzindo uma leitura nova dos acontecimentos:

“Quem fez a confusão foram jovens daqui que até nem são circuncidados, são jovens que não fazem nada, quando a polícia veio fugiram para a montanha. Aqui os “baixos” [*ovia* = “sem formação”, que “não sabem nada” ] são esses que vivem nas montanhas. Os velhos não participaram, mas gostaram da atitude dos jovens, até diziam “nós não fomos mas os nossos filhos já trabalharam”<sup>124</sup>

Uma terceira mulher afirmou que o problema principal era por causa da droga,

“(…) esses jovens depois de consumirem droga ficam a provocar confusões, roubam o pouco que as pessoas conseguem ter”<sup>125</sup>

Interrogada sobre se a Renamo fora a autora da agitação, a jovem acima referida, corroborada pelas outras mulheres presentes, disse:

“Os jovens começaram a fazer confusão. O secretário [da Renamo] não estava na reunião, mas também não ouvi

<sup>122</sup> *Ibid.*

<sup>123</sup> *Ibid.*

<sup>124</sup> *Ibid.*

<sup>125</sup> *Ibid.*

nada que ele estava envolvido. Esses jovens andaram a gritar “Viva a Renamo”, mas isso era para nós pensarmos que era a Renamo”<sup>126</sup>

Um homem presente disse taxativamente que a Renamo não esteve envolvida nos acontecimentos.

Numa entrevista individual, o régulo (...), da aldeia 7 de Abril, contou-nos que a confusão gerada na zona foi “por imitação, esses jovens ouviram que houve confusão em outras zonas, então resolveram fazer aqui. Eu tive que fugir, dormi três dias no mato”.<sup>127</sup> Interrogado sobre quem provocara a confusão, respondeu:

“Eu não sei se eram da Frelimo ou da Renamo, mas a pessoa que foi detida era um ex-polícia, mas também já está solto e até tem vergonha quando me vê”.<sup>128</sup>

Estamos, assim, perante uma inquietação profunda, diante de uma crise.

Essa crise comporta a dúvida colectiva, a interrogação, o húmus de privação, apela não a causas naturais mas a causas humanas, faz surgir a multidão enfurecida, a catarse dos jovens espalmados entre a modernidade das cassetes e dos vídeos ambulantes que surgem na área e um horizonte fechado, sem saída, crise que desagua, enfim, na busca de bodes expiatórios, identificados a tudo o que tem semelhança, física ou simbólica, com o problema trágico das diarreias e da morte sabidas pela rádio formal e pela *rádio-do-sertão*, de boca a orelha, ou reactivadas pela memória da cólera de 1998.

Às clássicas forças do mal, os *madjine* da tradição, sucedem as forças da modernidade (funcionários administrativos, enfermeiros, parteiras, activistas de ONGs) ou a ela ligadas (*mapéwé*, *apwiyamwene*). Estas forças da modernidade são supostas ser afins e responsáveis desse estranho pó, com cheiro desagradável, chamado cloro.

<sup>126</sup> *Ibid.*

<sup>127</sup> *Ibid.*

<sup>128</sup> *Ibid.*

As coisas ficam completamente impregnadas de tudo o que tenha, repentinamente, valor vitimário ou propagador: pertença ao mundo dos *acunha* e das suas reuniões, utilização de símbolos de movimento, passagem e conforto inatingível), etc.

Esse mundo de angústia e violência é estrangeiro ao esclarecimento regular (não há campanhas de prevenção).

A pwyamwene atrás referida contou-nos ainda que não há reuniões com o governo e que muitas pessoas não conhecem o chefe de posto. Por outro lado, ela afirmou que não sabia que trabalho concreto faziam as ONGs, salvo a formação de parteiras pela Save the Children<sup>129</sup>.

Entretanto, em meios onde muitas pessoas escutam rádio e vêem vídeo (verdadeiras satisfações substitutivas<sup>130</sup>) e onde, portanto, a modernidade está de mãos dadas com um passado que não atrai e com um presente que repele porque feito de pobreza abjecta, palpável, o SIDA aparece como uma doença misteriosa introduzida pelos “estrangeiros” [brancos] (coisa, portanto, do *mucunha*) ou por Deus, devido “aos muitos pecados” existentes<sup>131</sup>. Mas já assim não acontece com o soro, que é considerado em todas as áreas onde trabalhámos como bom para a saúde<sup>132</sup>.

O SIDA inscreve-se num sentimento muito forte de que os males que ocorrem em Memba têm muito a ver com o que vem de fora (acredita-se que há uma espécie de agressão externa via SIDA e cólera) e com a rádio (localmente, é sistemático o tipo de depoimento que defende que é através da rádio que se sabe da

<sup>129</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>130</sup> Freud, Sigmund, *Malaise dans la civilisation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994, 13e éd., p.19.

<sup>131</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>132</sup> Pensámos inicialmente que o soro, a cólera (via água + cloro) e o preservativo (devido ao líquido humedecedor) pertenceriam a uma mesma família “líquida”, suspeita do ponto de vista popular.

doença, que é através dela que o exterior perverso penetra nos lares)<sup>133</sup>.

Os mais velhos dos nossos entrevistados afirmaram-nos repetidamente que não usavam preservativo, que no passado o não utilizavam e que, portanto, era agora muito difícil proceder de forma diferente. Alguns têm fortes suspeitas sobre o líquido que humedece os preservativos. Mas a situação é diferente para as crianças, que os transformam em balões e assim alargam a estreiteza do seu mundo lúdico<sup>134</sup>.

O quadro acima traçado mergulha inteiro numa situação de grande privação da qual as pessoas procuram sair pelo vídeo, pela rádio<sup>135</sup>, pelos curandeiros e pelas igrejas. Ferida a esperança, intimidada a inteligência, resta a fuga pelo sonho e pelo simbólico.

Todos os nossos depoentes se referiram com mágoa à seca que assola o distrito e à fome.

Intimamente colado a esses problemas surge o apodrecimento radicular geral da mandioca, base alimentar das populações, fenómeno que, segundo o director distrital de agricultura, ocorre desde 1998, o que é confirmado por outros entrevistados em Memba<sup>136</sup>, o que conduz os locais a adquirir milho a 6.000,00 Mt/quilo<sup>137</sup>.

Por outro lado, todos os nossos entrevistados nos falaram amargamente do desemprego por ausência de fábricas e de plantações. E por isso “os jovens não fazem nada”, como nos disse um régulo ou são forçados a recorrer à enxada e ao peixe, o que nem todos suportam depois de terem frequentado uma escola<sup>138</sup>.

<sup>133</sup> Vê-se assim como, num contexto de privação e desespero, um meio útil de comunicação é transformado numa força maléfica.

<sup>134</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>135</sup> No seu duplo papel de veículo de entretenimento e de ameaça no que toca a cólera.

<sup>136</sup> Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>137</sup> *Ibid.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.* Lembremo-nos de que a pesquisa foi efectuada em 2002.

<sup>138</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*



Problema de não menor peso é o da água, quer porque rareia, quer porque é de má qualidade. O cloro não se usa generalizadamente por se recear que provoque a cólera; muitos poços estão secos ou em vias de secar.

Com a mesma intensidade nas preocupações dos habitantes, surge o problema das grandes distâncias que é preciso percorrer para se frequentar a escola ou ter acesso ao posto de saúde. E, uma vez chegados ao posto de saúde, há que fazer “amizade” e “dar qualquer coisa” para se conseguir um tratamento condigno e evitar a velha receita da aspirina e da cloroquina<sup>139</sup>.

Num meio profundamente ferido pela privação, onde crianças transformam preservativos em balões (fenómeno que vai de par, entre os adultos, com algum receio em relação ao produto que os humedece) e assim melhoram o seu pobre mundo de brincadeiras, quatro lenitivos surgem aos habitantes: a rádio, o vídeo *ambulante* com os filmes americanos e indianos (frequentado especialmente pelos jovens), os curandeiros e as igrejas<sup>140</sup>.

Na verdade, todos os nossos depoentes se referiram à audição da rádio e ao vídeo ambulante. Vários foram, até, os que nos falaram da existência de parabólicas, ainda que não tenhamos podido comprovar este dado. A experiência do vídeo é interessante: jovens especializaram-se em viajar pelas terras carregando um televisor, um vídeo, uma bateria e cassetes adquiridas um pouco aqui e acolá, trazendo sonho e escape às terras<sup>141</sup>.

Por outro lado, os mais velhos dos depoentes, elas e eles, forneceram-nos longas descrições sobre os curandeiros e suas práticas. A este nível, descobrimos o valor primordial jogado pela água (acompanhada ou de ervas ou de versículos do Alcorão) nos banhos destinados, ao longo da vida, a fortificar o corpo e a imunizá-lo contra os maus espíritos e a acção à distância das pessoas mal intencionadas. Mas não só: a eles recorrem muitos que

<sup>139</sup> *Ibid.*

<sup>140</sup> *Ibid.*

<sup>141</sup> *Ibid.*

procuram emprego ou que não encontram cura nos postos de saúde<sup>142</sup>.

Entretanto, já nem todos os jovens seguem os trilhos da tradição nesse campo<sup>143</sup> e é significativo, por exemplo, que uma senhora nos tenha falado de jovens não circuncidados, os tais produtores da “confusão”, como referimos mais atrás.

Finalmente, todos os nossos depoentes nos falaram que, nas muitas igrejas, de diferentes credos, existentes no distrito, quer no seu alastramento<sup>144</sup>.

## DISTRITO DE ANGOCHE

### Posto Administrativo de Aúbe/Angoche-sede

Em Aúbe trabalhou-se na sede e nos bairros de Mirrepe e Mupalacue. Em Angoche-sede, nos bairros Tamole e Ingúri.

Houve cólera em algumas áreas do posto, mas não a agitação social registada em Memba e, como veremos mais à frente, também em Larde.

Entrevistas com o régulo (...), com a pwyamwene (...) e com membros da CDL de Mirrepe, deram-nos, a papel químico, com poucas excepções, o quadro apresentado para Memba. Exceptua-se a ausência de agitação social formal.

Mas também aqui o cloro não é usado por se suspeitar que provoca a cólera.

Não houve nem há campanhas de prevenção, tem curso a mesma surda e paralisante luta entre régulos e secretários de bairro pela hegemonia, pouco se sabe do que fazem as ONGs com excepção de Mirrepe onde está a CDL da SNV, há informação sobre o SIDA via rádio, os preservativos são transformados em balões pelas crianças.

<sup>142</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>143</sup> *Ibid.*

<sup>144</sup> *Ibid.*; Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

No que concerne às campanhas de prevenção contra a cólera, disse-nos o régulo (...):

“Não avisaram as pessoas que iam colocar cloro no poço, nós aqui não fomos avisados, por isso as pessoas tinham medo, estavam assustadas. Se fizerem avisos para colocarem cloro na água, as pessoas vão tomar, como acontece com o curandeiro que depois de fazer o medicamento ele primeiro bebe e depois dá ao doente, se o governo vier explicar os efeitos e benefícios e se eles beberem a população vai beber. Eu estive doente com cólera, tive que ir para Angoche. Aqui na minha zona não me acusaram de trazer cólera.”<sup>145</sup>

E acrescentou que as pessoas não bebiam a água do poço

“(…) porque tinham medo, estavam assustadas porque se apanhassem dor de barriga achavam que era o cloro que provocava, naquela altura diziam que o cloro não trás cólera e mata o bicho que está na barriga, por isso é que se põe cloro no poço, quando ouviam mata bicho na barriga pensavam que ia matar a pessoa também.”<sup>146</sup>

O régulo fazia referência a um anúncio escutado na Rádio Moçambique em Nampula, transmitido em Emakhwua e aqui traduzido para língua portuguesa:

Mulher: Aquelas pessoas que estão ali o que estão a fazer?

Homem: Estão a pôr cloro no poço.

Mulher: *Wanamparu* (meu Deus)!

Homem: Não é cólera, é cloro que mata os bichos que trazem a cólera.

Mulher: Huum!<sup>147</sup>

<sup>145</sup> Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>146</sup> *Ibid.*

<sup>147</sup> Obtido na Rádio Moçambique em Nampula e traduzido por Fátima Colete.

Verifica-se que o Estado é sentido como simultaneamente necessário e ausente. Necessário, porque as pessoas apresentam muitos pedidos, muitas necessidades; ausente, porque a sua acção não é sentida. Não há contactos com as populações<sup>148</sup>.

Em relação à luta política, o régulo (...) confidenciou-nos:

“(…) o secretário da célula quer resolver todos os problemas sozinho, dizem que eles é que são régulos (donos da terra), eu não reclamo, deixo, faço o que o governo manda, distribuir terras, limpar estradas. Por causas dessas diferenças algumas pessoas não me respeitam”.<sup>149</sup>

Sente-se a mesma invisibilidade das ONGs, especialmente da SNV, sendo esta organização ao mesmo tempo desejada e sentida como distante<sup>150</sup>.

Acresce que certos acidentes são de molde a ampliar o mal-estar, como no caso do atropelamento de uma senhora no bairro de Zirosine por um activista da SNV. Segundo três camponeses, líderes comunitários de Mupalacue, o activista teria ido dizer a Aúbe que tinha sido apedrejado por causa da cólera em Mupalacue, o que não corresponde à verdade, argumentaram, porque no bairro nunca houve apedrejamento. E acrescentaram:

“A população de Mupalacue não gostou da atitude tomada pelo técnico, mas está à espera que a SNV venha formar as CDLs.”<sup>151</sup>

Nos bairros Ingúri e Tamole de Angoche-sede o quadro é, praticamente, o mesmo.

<sup>148</sup> Helena Monteiro, *Diário...*, *op.cit.*; Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*

<sup>149</sup> *Ibid.*

<sup>150</sup> Muito presente no terreno em algumas áreas, a SNV pode, porém, pagar subitamente uma espécie de factura de ausência ou de ineficácia quando ausente noutras áreas.

<sup>151</sup> Fátima Colete, *Diário...*, *op.cit.*